

COREN-RS

Caminhos DO COTIDIANO DA Enfermagem

CRÔNICAS E POESIAS

1ª edição

Porto Alegre-RS

2016

PREFÁCIO

Já dizia Florence Nightingale "A Enfermagem é uma arte... A mais bela das artes". A arte expressa a condição existencial do ser humano, o ser que "é", pois permite o desvelar de sentimentos e emoções, retrato de como percebe o mundo em que com o outro co-habita. Arte linguagem "silenciosa-falante no tempo e nos tempos" que suscita diferentes olhares interpretativos de uma realidade que se fez ontem, expressa o presente, mas que remete ao futuro.

Neste livro, assim como Nightingale, revela-se em poesia e crônicas o tempo e a história vivida pelos autores, matizados por encontros e desencontros nos caminhos do cotidiano de ser, saber e fazer enfermagem. O estar com indivíduos e famílias que em comum-unidade conferem autenticidade ao cuidado. Condição existencial que na possibilidade de ser acontecendo trazem a luz a enfermagem ciência, ética e estética.

Percorrer os textos, adentrar em seus meandros, nos significados das palavras, as vozes os autores nos permitem com eles dialogar, visitar e revisitar uma enfermagem que para além da ciência tem o compromisso humanístico e social.

Poesias e crônicas é o modo pelo qual autores organizam esta obra, procuram desvelar ser, saber e fazer enfermagem, que no existir intersubjetivode cuidado percorrem caminhos dialógicos, e não raro solitário, interpretativo e comunicativo, diante de certezas e incertezas dando o significado ao encontro de cuidado que concretizam o cotidiano de enfermagem.

"Fazer enfermagem não é uma ideia ou apenas imaginado, em que o outro não é sentido, sua natureza não é percebida e o seu vivido não é considerado. É estar para ouvir, ver, tocar, experimentar e conhecer. Fazer enfermagem é cuidar do outro é cuidar do eu."

PROFA. DOUTORA MARIA DA GRAÇA OLIVEIRA CROSSETTI

Livre docente em enfermagem fundamental pela UERJ e Professora Titular da EEUFRGS

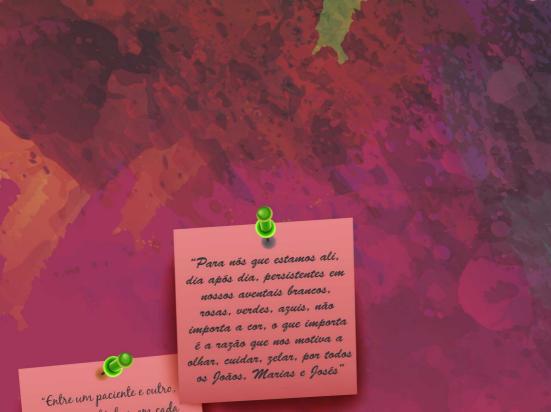
O CONCURSO

A ideia do concurso literário "Caminhos do Cotidiano da Enfermagem" nasceu a partir da certeza de que auxiliares, técnicos(as) e enfermeiros(as) vão muito além das suas competências profissionais. Em meio às suas experiências nas instituições de saúde, seja na assistência ou na gestão, acumulam não só conhecimento, mas histórias de vida. Histórias de cuidado, de solidariedade, de carinho e de luta. Com esses textos, você, leitor(a) terá uma pequena amostra do universo da Enfermagem.

Ao todo, o Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul (Coren-RS) recebeu mais de 50 inscrições. Os três finalistas por ordem foram: "Saudades do meu menino", de autoria da enfermeira Silvete Schneider (categoria crônica). O segundo lugar (categoria crônica) ficou com a enfermeira Beatriz Guaragna, com o texto "Cuidando e aprendendo". O terceiro lugar (categoria poesia) foi para o texto "Enfermagem que cura", da técnica em enfermagem Priscila Roballo Martins.

As obras evidenciaram o talento e a criatividade da Enfermagem. Todas as crônicas e poesias foram analisadas por uma comissão julgadora - composta pelo jornalista Moisés Mendes, pela enfermeira e professora universitária Maria da Graça Crossetti e pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas do RS, Milton Simas

GESTÃO 2015 - 2017



"Entre um paciente e outro,
retornava até ele e, em cada
procedimento, procurei conversar, falar coisas positivas e
incentivá-lo a reagir, pois havia
uma pessoa muito especial
esperando por ele"



"Na qualidade de mães e enfermeiras, nos defrontamos, por vezes, com maior sensibilidade perante algumas situações"



"No ambulatório de saúde prisional aprendi muitas coisas, sobre a vida e sobre liberdade"

MUITAS SÃO AS VIAS, MAS A **EMOÇÃO** É A MESMA

As histórias a seguir trazem diferentes vivências das equipes de enfermagem: em centros obstétricos, unidades de tratamento intensivo, ambulatórios. Enfermeiros(as), técnicos(as) e estudantes de Enfermagem contam momentos emocionantes, vividos com seus pacientes, em prosa e verso. Desafios da Enfermagem, uma profissão que lida com a vida, do nascimento à partida. Nas próximas páginas, você, leitor ou leitora, vai embarcar nestes caminhos, ao lado de seus autores e viver um pouco da emoção da Enfermagem.

UMA BOA LEITURA!

"Naquele dia en soube que tinha cuidado bem dele e que, com nosso convívio, en aprendera a me envolver com os outros no exercício da minha profissão" "O caminho é estreito, os corredores do hospital são longos, as horas de trabalho avultam-se e, com elas, denso torna-se o caminhar"

"Independentemente de saber se o objetivo é a cura ou conforto no fim da vida, eu estarei lá com eles"



SUMÁRIO

OI	SAUDADES DO MEU MENINO (Silvete Maria Brandão Schneider)	-08
02	CUIDANDO E APRENDENDO (Beatriz Guaragna).	10
03	A LEMBRANÇA DE UMA VOZ (Adriana Serdotte Freitas Cardoso)	.12
04	MEU PRIMEIRO EMPREGO (Gerusa Bittencourt)	.15
05	O CUIDADO DE ENFERMAGEM É UNIVERSAL (Amanda de Souza Magalhães)	.18
06	JUNTOS ATÉ A ÚLTIMA VIAGEM (Cleomira Noema Dall Agnol).	19
07	ERA UM DIA COMUM (Amanda de Souza Magalhães).	21
80	UMA QUESTÃO DE SENSIBILIDADE (Maria Buratto Souto).	.22
09	SINGELA GRATIDÃO (Marlene Cardoso Wiesioek).	.24
10	A PRÓTESE (Martha Georgina Oliveira de Góes).	.25
11	UMA LUZ PELOS CORREDORES DO HOSPITAL (Pâmela Leites de Souza)	27
12	HISTÓRIAS DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR (Rejane Maria Balzan)	.30
13	ENFERMAGEM, ESSE É MEU COTIDIANO! (Karen Elisa Loro Wagner)	.31
14	AS MARIANAS (Karine Elisa Schwarzer Schmidt)	32
15	BAILE DE CARNAVAL (Celia Mariana de Souza Martins).	. 35
16	ENFERMAGEM QUE CURA (Priscila Roballo Martins).	36
17	ESTREITO É O CAMINHO (Juliana Oliveira Lourenço).	37
18	CIRANDA (Maira Isis dos Santos Stangler).	.37
19	NEM O TEMPO MUDA AS ESCOLHAS (Priscila Roballo Martins).	.38
20	PLANTÃO NOTURNO (José Eduardo Lopes Farias).	39



SAUDADES DO MEU MENINO

Silvete Maria Brandão Schneider, enfermeira

Naquela tarde, estava bastante atarefada, o que não é incomum na enfermagem. Atendia os pacientes em unidade de internação clínica, quando a enfermeira da área cirúrgica transferiu um paciente para tratamento oncológico. Fui recebê-lo e fiquei encantada com seu sorriso confiante, raro nestes pacientes. Era um menino de 14 anos com diagnóstico de linfoma de Burkit e vinha fazer quimioterapia. Nossa empatia foi imediata. Pensei: "Esse menino é especial, tem algo que muitos não possuem. Demonstra confiança, alegria e afetividade, mesmo diante de uma doença tão grave".

Naquele ano, o "Meu Menino" – como vou chamá-lo – demonstrou uma força inacreditável. Colaborava com todos, interagia com os outros pacientes e com a enfermagem. Lembro que chorava durante as punções e queria que fosse sempre eu quem as fizesse. Nestes momentos, tinha vontade de colocálo no colo, como fazem as mães. Principalmente porque ele não tinha família presente, era só. Mas, mesmo assim, capaz de enfrentar todo sofrimento do tratamento.

Meu Menino evoluía bem, cada avanço era uma vitória. Fez 15 anos internado. Nesse dia, muito debilitado, trouxe-me um pedaço de bolo e fiquei muito emocionada com seu gesto.

Mas, durante o tratamento, complicações levaram o Meu Menino para o Centro de Tratamento Intensivo. Fiquei triste, fiz carinho em sua cabeça e disse que sempre estaria torcendo por sua recuperação e que estava certa de que ela aconteceria. Passou-se uma semana e, em um domingo de plantão, para minha surpresa, alguém ligou perguntando se ele já estava no andar. Minutos depois, a enfermeira do CTI telefonava avisando que tinha acabado de encaminhar Meu Menino para o quarto. Foi um domingo muito especial.

O jovem seguiu seu tratamento e sabia de tudo sobre a doença e os procedimentos. Relatava as conversas com seu médico e dizia que a possibilidade de cura era de 50%, naquela época. Sempre demonstrava confiança e esperança, passando estes sentimentos para a equipe.

Muitas vezes, eu me perguntava se seria possível alguém tão jovem, privado de liberdade e sofrendo os efeitos da quimioterapia, ser tão positivo. Mas a verdade é que Meu Menino era assim.

Nossa relação era terapêutica, de confiança, de amizade e de troca. Mas, um dia, precisei me afastar temporariamente do hospital antes que Meu Menino tivesse terminado o tratamento. Nos despedimos com tristeza e desejando que ambos fôssemos felizes. Pedi que me ligasse e deixei meu telefone.

Meu Menino nunca ligou.

Passaram-se anos. Sempre que atendia alguém com suas características, recordava e torcia por ele. Perguntava-me onde estaria, se estava bem, e acreditava que sim.

Mais tempo passou, nasceram meus dois filhos. Em um mês de junho, minha filha fazia aniversário e resolvi preparar uma festa para ela. No supermercado, estava escolhendo leite condensado para fazer os brigadeiros e deixei cair uma caixa. Então, ouvi a voz de um rapaz que dizia:

- Enfermeira, deixa que eu pego.

Surpresa, virei-me para ele perguntei:

- Como você sabe que sou enfermeira?

E ele, sorrindo, respondeu:

- Não lembra de mim? Eu sou o seu Menino!

Não pude conter o choro. Abracei-o, comovida. Todos no corredor ficaram olhando sem entender nada. Mas para nós não importava, porque sabíamos o quanto tínhamos sido importantes um para o outro.

Haviam passado seis anos e o Meu Menino estava curado. Naquele dia, eu soube que tinha cuidado bem dele e que, com nosso convívio, eu aprendera a me envolver com os outros no exercício de minha profissão.

Conversamos bastante e contou-me que há um ano trabalhava naquele mercado, que eu frequentava sempre, sem que nunca houvéssemos nos encontrado antes. Ali, Meu Menino trabalhou mais seis meses. Encontramonos várias outras vezes nos corredores e fui sempre recebida com um sorriso.

Um dia, não o vi mais. Talvez nunca volte a encontrá-lo. Mas guardarei para sempre a alegria do reencontro.



CUIDANDO E APRENDENDO

Beatriz Guaragna, enfermeira

Foi um longo dia de verão, comum, num plantão morno, no qual eu me sentia entediada e calma, torcendo para que chegasse o fim e eu finalmente pudesse ir embora, com aquela sensação de dever cumprido - mas não de satisfação por ter feito alguma coisa realmente boa, gratificante. Nem um sorriso agradecido de paciente, nem uma queixa por onde a monotonia pudesse escapar. Apenas tédio e solidão. De repente, o telefone resmungou seu chamado repetitivo e angustiante. Na falta de alguém para atender, eu mesma fiz. Toda minha formação acadêmica estava por seriamente abalada e eu, sem a menor noção do perigo, aceitei meu destino: paciente masculino, 13 anos, primeira internação, acompanhado da mãe, vem para investigar uma massa em um ombro direito, que apareceu depois de uma trombada com um amigo, num jogo de futebol.

Quando me deparei com aquele menino, com um olhar sonhador apontando para o futuro, como deve ter um garoto tão jovem, fiquei com meus sentidos em alerta e me veio um pouco de medo. Iniciamos, então, uma série de procedimentos, entrevistas e, dia após dia, nosso vínculo foi aumentando. Inicialmente conversávamos pouco, às vezes, a mãe presente, outras, sozinhos, eu e ele. Aos poucos, nossa amizade foi aumentando. Falávamos sobre as mais variadas coisas, amizades, escola, música, o time do coração (o nosso era o mesmo), sua internação, a família, os amigos. Ora falávamos como enfermeira/paciente, ora como mãe/filho, ora simplesmente como amigos, como se a distância entre nós fosse mínima e soubéssemos que o tempo que estava por vir era duvidoso.

Assim transcorreu esta primeira internação e, ao final de duas semanas mais ou menos, tínhamos um diagnóstico: osteossarcoma, ou seja, um tumor nos ossos. Veio assim escrito num laudo, simples e direto, cortante. Mesmo convivendo há tanto tempo com a rotina hospitalar, acompanhando as mais variadas patologias e as mais diferentes pessoas, nunca me acostumei com a tensão destes primeiros momentos, a adaptação de vida a uma rotina de quimioterapias, náuseas e tristezas e, muito menos, com o sofrimento de uma doença grave e seu triste prognóstico.

E, assim, meu pequeno amigo e eu começamos a nossa trajetória de ciclos quimioterápicos. A cada novo ciclo, era para minha unidade que ele voltava, às vezes vinha até para o mesmo quarto. A estas alturas eu já conhecia

toda a família, e nos comunicávamos durante os intervalos, entre uma internação e outra, para sabermos das novidades e termos notícias de como estávamos, eu, ele e todos.

Seus pais eram pessoas maravilhosas, envolvidos completamente no seu tratamento e muito afetivos. Acho que este menino, de certa forma, teve muita sorte por conseguir percorrer todo o caminho de pedras por onde passou, sempre acompanhado por pessoas amorosas e dispostas a tornar este caminho o menos íngreme possível, dividindo todas as dificuldades, passo a passo.

Ao fim de mais ou menos dois anos, meu paciente estava com alta, tratamento completo e dado como curado, necessitando apenas acompanhamento para controle por mais um tempo antes de ser totalmente liberado. Alegria geral, fizemos uma grande comemoração, dentro da unidade mesmo, com balões, bolo e direito a parabéns cantado com vontade. Nos abraçamos demoradamente para a despedida, ele sempre sorrindo, eu com o coração apertado, dividida entre a alegria de vê-lo bem, podendo ir embora, e uma antecipação egoísta de saudade me oprimindo o peito. Quanta alegria este menino me deu, como minhas horas de trabalho foram melhores só pelo fato dele existir! Houve maus momentos, mas, mesmo nestes, sempre havia um sorriso no seu rosto pálido e uma certeza de que tudo ia melhorar. E melhorou.

Por seis meses, tudo ficou em paz. Aos poucos, retomamos todos nossa rotina, ele readaptando-se à vida que seguia, eu idem. Mas sempre nos comunicávamos, ficamos ligados por um sentimento de amor e cumplicidade muito forte, que nos impedia de um afastamento maior. Mesmo longe, meu coração se enchia de emoção ao pensar naquela família e especialmente no meu pequeno grande paciente.

Veio o Natal e, com ele, todos os desejos de felicidade a quem amamos. O Ano Novo trouxe a renovação da esperança para nós mesmos, de podermos nos reconciliar com nossos sonhos e desejos e de nos tornarmos pessoas melhores. E, lá pelas tantas, novamente o telefone tocou, desta vez trazendo as piores notícias. Nos encontramos sob forte emoção, eu e aquela mãe de olhos vermelhos de chorar, um pai que me pareceu muitos anos mais velho de repente, e aquela pessoa ofegante, pálida, quase não conseguindo falar, mas com aquele mesmo olhar pousado lá no futuro, onde mora toda a incerteza da humanidade.

Meu paciente piorou muito, e foi progressivamente fazendo sua despedida de todos, um a um, não esquecendo de ninguém. Ficamos sempre juntos; quando as coisas se complicavam e ele ficava muito agitado, era com minha voz de tantas conversas jogadas fora que ele se acalmava. Eu ia me aproximando e começava a falar bem devagar, como se estivesse contando uma

história para uma criança dormir. Enquanto falava, ia passando as mãos pelo seu cabelo, num carinho maternal. Não sei quantas vezes pensei que talvez eu pudesse trocar de lugar com ele, afinal já vivi tantos anos, ele estava apenas começando...

Tenho certeza que o meu pequeno grande paciente não sentiu dor e não sofreu, não se sentiu só.

Numa manhã de inverno, com nuvens carregadas lá fora, senti um frio imenso na alma. Meu amigo, o filho que eu gostaria de ter tido, meu paciente, partiu.

Ainda hoje sinto saudades. Quando eu e sua máe conversamos por telefone, tentamos amenizar a tristeza uma da outra e, apesar de passarmos muitos meses sem nos falarmos, sabemos que estaremos para sempre ligadas pelo amor que nos uniu: ela pelo filho amado e eu pelo paciente amado.

Esta história mudou minha vida, para melhor. Tornou-me uma pessoa mais completa e uma enfermeira mais amorosa. Eu aprendi que, em se tratando de afeto, quanto mais a gente dá, mais a gente tem.



A **LEMBRANÇA** DE UMA VOZ

Adriana Serdotte Freitas Cardoso, enfermeira

Já eram 18h. Mais um plantão como outro qualquer, ou tudo indicava que assim seria. Trabalhar em Unidade de Terapia Intensiva, muitas vezes, é um pouco estressante. Os pacientes são graves, exigindo esforço, cuidado e atenção redobrados. Muitos monitores, leitos alinhados e alarmes ecoando pelo salão ao menor sinal de alteração dos sinais e parâmetros preestabelecidos. Uma parafernália de equipamentos funcionando como se fossem uma orquestra, regidos por uma equipe de médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem, na qual o paciente é o musicista – o que resulta em um espetáculo fascinante.

O plantão já estava por começar e, como de costume, dei uma volta geral pela unidade para ver se conhecia algum paciente, verificar quais estavam mais graves e quem exigiria uma dedicação maior.

Dos 12 pacientes internados, um chamou-me a atenção em especial. Era bastante jovem, algo em torno dos 25 anos, porém em uma condição clínica extremamente grave. Vitimado pelo vírus HIV, a AIDS já havia se instalado, mostrando todas as suas facetas de uma forma tão palpável quanto cruel. A face desfigurada e o corpo edemaciado não permitiam qualquer tipo de reconhecimento. Sedado, utilizando ventilação mecânica e vários suportes medicamentosos, não reagia à dor ou a qualquer estímulo verbal que lhe fosse proposto.

Nesta noite, a organização das visitas era de minha responsabilidade. Na instituição o horário de visitas na UTI era organizado em três turnos, sendo que o horário noturno começava às 20h. Após uma breve organização do setor, os familiares foram sendo orientados e liberados para entrar e visitar seus pais, irmãos, avós, tios, amigos...

Novamente aquele paciente chamou-me a atenção. Desta vez pela pessoa que o estava visitando. Enquanto outros familiares limitavam-se a olhar, lamentar-se pela situação e sussurrar entre si palavras de condolência, uma menina conversava com aquele homem como se estivessem em outro lugar qualquer. Contou-lhe como havia sido o seu dia e o que havia feito, falou dos planos para o final de semana e da viagem que os dois fariam juntos dali a dois meses. Inclusive, trouxe as duas passagens aéreas para lhe mostrar. Também trouxe seu perfume favorito e mais algumas coisas de que ele gostava.

Aproximei-me, admirada com a postura tão natural e otimista frente a uma condição tão difícil. Apresentei-me e começamos a conversar. Descobri, então, que a menina era irmã daquele rapaz e que eram muito amigos.

Ao se despedir, chegou mais perto do irmão e disse o quanto acreditava nele, que ele era forte e, com certeza, seria capaz de sair daquela situação. Entregou-me a colônia, dizendo que ele sempre a usava depois do banho e que gostaria que o jovem ficasse perfumado mesmo estando no hospital. Falou, ainda, que ele era uma pessoa bastante comunicativa, que gostava de conversar e que devia estar se sentindo muito só, porque, afinal, todos ali eram tão ocupados e não tinham muito tempo para conversas. Pediu-me que, se eu pudesse, falasse um pouco com ele, pois tinha certeza de que isso o faria muito feliz.

A forma como ela entoava as palavras, realmente acreditando que ele estava atento a tudo, era o que mais impressionava.

Decidi atender àquele pedido. Entre um paciente e outro, retornava até ele e, em cada procedimento, procurei conversar, falar coisas positivas e incentivá-lo a reagir, pois havia uma pessoa muito especial esperando por ele, além de uma viagem que ele não podia perder. Tomei cuidado para não esquecer de falar do perfume, trazido de uma forma tão carinhosa.

Enfim o plantão terminou e já estava saindo, quando resolvi voltar e me despedir do rapaz. Nada havia mudado no seu quadro clínico e fiquei me perguntando se, na próxima noite, ainda o encontraria ali.

No próximo plantão não o encontrei e, por fim, entre tantos pacientes graves, paradas cardíacas e internações, esqueci-me de investigar o que havia acontecido. Alguns dias se passaram, talvez um mês e, na correria constante do dia a dia, ele foi caindo no esquecimento.

Certa manhã caminhava com um colega pelo corredor do hospital.

Conversávamos animadamente e várias pessoas passavam por nós. Notei quando um rapaz veio em nossa direção e parou. De repente, chamou-me pelo nome e perguntou se eu não o reconhecia. Um pouco constrangida pelo fato de não lembrar quem era, respondi que, infelizmente, não me recordava.

Contou-me então que era aquele rapaz que havia estado internado na UTI e de quem eu havia cuidado por uma noite. Revelou-me que também não sabia como eu era, mas que, quando ouviu a minha voz, não teve dúvidas sobre quem se tratava. Também contou que tinha recebido alta algum tempo depois e estava muito bem, retornando ao hospital frequentemente para tratamento e acompanhamento. Por último, agradeceu-me infinitas vezes pelas poucas palavras que eu tinha dispensado a ele e seguiu seu caminho.

Muitos anos já se passaram, mas nunca esqueci este acontecimento. A cada novo paciente, sempre procuro lembrar o quanto uma palavra pode ser significativa e primordial para uma pessoa em um momento tão decisivo. Enfim, não sei quem mais se beneficiou da experiência, se eu ou ele. Talvez tenham sido todos os outros pacientes que vieram depois.

MEU PRIMEIRO EMPREGO

Gerusa Bittencourt, enfermeira

Sou enfermeira há quatro anos e seis meses e nesse período muitas histórias se acumulam àquelas que considero especiais na minha vida. Quando me perguntam quem sou, a primeira resposta que vem é: "enfermeira". Isso é um fato. Parece que se sobressai a tudo, afinal de contas, sou mulher, sou máe, sou negra, sou jovem, sou cantora, sou muitas coisas. Porém, ser enfermeira vem com tanta força, que é o primeiro sinônimo sobre mim mesma que sai da boca.

Tem um ditado que diz,"a boca fala o que está cheio o coração". Sintome extasiada pela Enfermagem, extasiada do cuidar, de ser equipe. Vem de dentro. Não que ser enfermeira tenha se tornado mecânico na minha vida, mas que se tornou algo de muito valor, com certeza se tornou. Dizem que o trabalho enobrece o homem, eu digo, a Enfermagem me enobreceu, se tornou meu próprio eu, me fez ser o que sou.

Em relação às experiências vividas, com certeza, me trouxeram aprendizados que carregarei no coração, na mente. Memórias de vida, memórias de sonhos, memórias de vitórias. Estamos o tempo todo lutando pela saúde, pela vida, por condições de trabalho, por excelência no que fazemos. Por isso, considero tão importante relatar um pouco dessas vitórias, um pouco dessas histórias, que nada mais são do que um pouco de nós mesmos.

Logo que me formei na faculdade, recebi um convite desafiador: inaugurar o ambulatório de saúde prisional do Presídio Regional de Santa Cruz do Sul. O presídio é um local que causa temores, incertezas. Minha família, por exemplo, ficou extremamente apreensiva com o fato de ter um membro da família trabalhando lá. Tudo isso se somou à responsabilidade e desafio que estavam pela frente.

Minha primeira experiência como enfermeira, graduada numa faculdade de Enfermagem, estava ali, na minha frente, de braços abertos, me esperando. Como dizer não? Era tudo o que eu mais queria: me formar e ter um emprego na área. Então, minha resposta foi sim. Sim para o desafio, sim para a responsabilidade e sim, vamos cuidar de seres humanos, privados de liberdade, mas humanos.

O Sistema Único de Saúde (SUS) tem como um dos seus princípios a universalidade e trabalhar no SUS requer ter isso na ponta da língua e na prática diária como profissional de saúde. Foi muito intensa a quantidade de informações recebidas, pois saúde prisional não fora um conteúdo trabalhado na minha

graduação, até porque o próprio Plano Nacional de Saúde Prisional era muito recente. Ser enfermeiro exige conhecimento. Qual foi minha primeira ação? Estudar saúde prisional. Muita leitura, muita busca, e tudo isso serviu para me fortalecer frente a todos os questionamentos que sofri, por atender pessoas privadas de liberdade. Há um grande preconceito em ter um ambulatório de saúde prisional dentro de um presídio, com atendimento exclusivo à população carcerária. Porém, o fato destas pessoas estarem privadas de liberdade, não exclui delas o direito de acesso ao SUS, que é para todos, e esta população em especial tem uma demanda extremamente importante quando se olha a totalidade do sistema de saúde brasileiro. Afinal de contas, não existe prisão perpétua e um dia estas pessoas sairão de lá.

Outro elemento fundamental diz respeito às doenças infectocontagiosas que se disseminam em ambientes com aglomerados e insalubres. Os(As) usuários(as) do sistema de saúde prisional têm contato com seus familiares, que moram nas comunidades e não estão privados de liberdade. Acredito que a redução de danos é a grande força da saúde prisional. Oferecer tratamento às morbidades dentro do sistema prisional é mais que um luxo, é uma necessidade. Outro fator é a falta de conhecimento em relação ao que a unidade de saúde representa para a própria segurança pública, pois ações de promoção e proteção à saúde minimizam a necessidade de saídas dos presidiários a serviços de emergência, o que possibilita prevenir fugas ou resgates. O SUS preconiza a equidade e, com certeza, tratar da saúde da população carcerária é promovê-la.

Quero relatar um caso em especial que mexeu profundamente comigo. Nós atendíamos as pessoas privadas de liberdade e também a seus familiares em dia de visitação. Em relação ao fato que quero relatar, a enfermagem é multifuncional, é assistência, educação e gestão e é coração. Mais que o medir da pressão arterial, para quem está recebendo a atenção, significa muito nosso cuidado. É o toque, é o diálogo, é o ouvir que fazem a diferença.

Naquela manhã de visitas, o agente penitenciário conduziu até o ambulatório a filha de um senhor aprisionado. Ela estava muito agitada e chorosa, era a primeira vez dela ali, naquele lugar tão pavoroso (para ela). Conversei com ela por alguns minutos, medimos a pressão arterial, tentamos de alguma forma confortá-la, afinal de contas o pai da mesma era um senhor idoso, hipertenso e que precisava muito dela. Independente do artigo do Código Penal que motivou a prisão, sempre olhávamos para o ser humano. Ela sabendo as condições de saúde dele, fez um esforço para parar de chorar e, após secar suas próprias lágrimas, decidiu entrar para vê-lo.

Ela havia passado mal, por causa da revista íntima. Era algo extrema-

mente constrangedor e jamais imaginou que passaria por tal situação. Como quem estava mais frágil naquele momento era o pai dela, ela precisava ser forte para o fortalecer. Fortaleceu-se e foi ao encontro do pai. Esse foi nosso primeiro encontro.

Naquela mesma semana, o pai desta moça, num dia qualquer, que não era de visitas, passara mal e acabara indo a óbito. Esse fato não ocorreu no meu turno de trabalho, mas foi um grande choque para mim, pois estava acompanhando o estado de saúde dele. Ele ficou poucos dias preso, não aguentou tamanho sofrimento.

A segunda vez que vi a filha, estava inconsolável com a perda de seu pai. Como acreditava na inocência dele, afirmava o tempo todo que ele havia morrido de desgosto. Acreditava que haviam injustiçado seu pai. Enfermeiro tem que ser racional, sim, mas nada impede que a nossa racionalidade seja a mais humanizada possível. Tentei novamente de alguma forma apoiá-la, pois era uma grande perda para ela.

Após alguns meses, eu estava em um passeio, num município vizinho. De repente, quem eu encontro lá? A filha do paciente falecido. Ela veio direto me abraçar. Eu não imaginava que tinha causado tamanha confiança e afeto a ela. Ela agradeceu todo o nosso esforço, naquilo que pudemos fazer pelo pai dela e por ela. A nossa tarefa às vezes é tão rápida, são minutos, horas, dias, mas quem recebeu a ação fica eternamente marcado. Ela agradeceu todo apoio recebido e todo cuidado dispensado ao pai dela. Porque na verdade ele foi preso, já com as comorbidades. Ele era hipertenso, fumante e todo o estresse ocasionado pela sua prisão desencadeou uma série de processos hemodinâmicos, que favoreceram a ocorrência do infarto agudo do miocárdio que ele sofreu. Resumindo, a equipe de enfermagem tentou de todas as formas possíveis colaborar com a saúde e a vida dele.

Nesse contexto de tantas lutas e buscas eu iniciei minha carreira como enfermeira, e isso me humanizou de tal forma, que quando eu fui convidada a trabalhar no Ambulatório Central de Santa Cruz do Sul, eu chorei. Claro que num primeiro momento me soou como uma oportunidade incrível, ao mesmo tempo em que já havia me vinculado de tal forma ao que à saúde prisional representava, que chegou a doer trocar de setor. Enfermagem é a forma mais singela de olhar para vida, com o cuidado que ela merece, com a dignidade que ela precisa, com a força que ela detém. No ambulatório de saúde prisional aprendi muitas coisas, sobre a vida e sobre a liberdade. Quando se convive com quem está preso, muito mais se valoriza a liberdade e a vida.

O CUIDADO DE ENFERMAGEM É UNIVERSAL Amanda de Souza Magalhães, enfermeira

Quando eu entrei na escola de enfermagem no Brasil, minha família me perguntou qual seria a minha próxima meta. Eu lhes disse: "Eu quero ver o mundo". Em 2012, meu sonho se tornou realidade. Eu recebi uma bolsa de estudos do governo brasileiro para completar meu último ano de enfermagem na Universidade de Massachusetts, Dartmouth. No meu segundo semestre nos Estados Unidos da América, eu completei o meu último estágio hospitalar no Hospital Saint Anne's na cidade de Fall River, MA. Fall River é uma pequena cidade em que 47% da população se descreve como sendo de descendência portuguesa. Aqui, minha língua nativa foi um trunfo, permitindo-me servir como uma intérprete, bem como uma estudante de enfermagem. Neste hospital, eu escolhi trabalhar na unidade de oncologia porque eu já havia tido uma forte experiência e ligação com os pacientes e as enfermeiras no Brasil. O campo da oncologia me fez aproximar-me de mim mesma. Meu primeiro dia de estágio foi emocionante.

Fiquei admirada com a tecnologia disponível nos Estados Unidos: código de barra de leitura para medicamentos, sistemas de distribuição automática de medicamentos, computador portátil sobre rodas, registros médicos eletrônicos, entre outros. De monitores de sinais vitais portáteis para glicosímetros de cabeceira e panos de banho descartáveis, tudo era novo. Apesar da tecnologia avançada, eu encontrei algo em comum: os cuidados de enfermagem. O mesmo amor, carinho, paciência e bondade existe entre esses dois mundos. Eu percebi que não importa o quão longe de casa eu possa estar no futuro, a forma como os enfermeiros se preocupam com seus pacientes é a mesma. O mundo está cheio de diferentes culturas, mas as pessoas são pessoas e enfermeiros são enfermeiros. Os seres humanos experimentam os mesmos medos. A capacidade de uma enfermeira para se preocupar com os outros é universal. Eu também acredito que as enfermeiras do Saint Anne's aprenderam muito sobre a cultura brasileira quando comparamos os nossos dois sistemas de saúde. O sistema brasileiro oferece atendimento primário gratuito, cirurgia e medicamentos. Apesar dos recursos humanos e problemas de infraestrutura, há uma crença cultural permanente que todos devem contribuir para os cuidados de saúde, porque é um direito de todos nós. Os americanos têm tecnologias muito avançadas e disponíveis, mas o país ainda sofre com o número de pessoas sem acesso à saúde e crescentes custos de saúde. Eu acredito que a minha

experiência servirá como um guia para o resto da minha vida como enfermeira. Vou levar para casa uma bagagem que não será preenchida apenas com novos produtos eletrônicos e livros, mas também com um ensino de enfermagem de alta qualidade. Eu quero ser uma enfermeira especialista em oncologia para estar perto dos pacientes que enfrentam o desconhecido no início ou que estão atravessando os desafios do tratamento. Independentemente de saber se o objetivo é a cura ou conforto no fim da vida, eu estarei lá com eles.

06 CRÔNICA

JUNTOS ATÉ A ÚLTIMA VIAGEM

Cleomira Noema Dall Agnol, enfermeira

Vou contar uma história sobre como é fazer enfermagem em pediatria e perceber que tudo o que fazemos tem um valor muito especial para cada criança - mesmo que seja puncionar um acesso venoso periférico no local escolhido por ela. Fazer enfermagem é ficar feliz por ser chamada de tia, por poder dar a mão, trocar a falda, acalmar o choro, a saudade do lar e o medo de não voltar para casa.

Esta história é de uma criança que vou chamar de Pedrinho e que me ensinou a fazer enfermagem. Pedrinho era um menino com uma doença que o impedia de respirar como os outros de sua idade. Fazia uso de uma traqueotomia para manter as vias aéreas superiores pérvias.

Ele vinha de longe, de avião, em companhia de uma tia que ficava como responsável pelo menino durante as internações. A sua mãe tinha outros filhos e, por isto, nunca pôde acompanhá-lo, como costumava explicar Pedrinho. Veio muitas vezes, foram longas internações, sempre com outra criança no quarto. Tinha muita fome de ar, de vida, de alegria, de brincar, e muito medo de não poder respirar. Pedrinho tinha dificuldade de se expressar, pois sua dicção era prejudicada pelo uso da traqueotomia, mas isso nunca o impediu de fazer exigências pessoais.

Sua prescrição médica era longa e um dos itens era um suco de laranja com couve, que o serviço de nutrição e dietética trazia todas as noites. Ele nunca tomava, dizia que era ruim. Quando chegava o momento da punção venosa periférica, era ele quem escolhia o local e, na maioria das vezes, o procedimento

era um sucesso.

Muitas vezes, para compensar a falta de ar, ficava sem a parte interna da traqueotomia brincando no corredor, mas era inteligente e avisava logo a tia para que fosse providenciar e higienizar essa parte.

O sanduíche da ceia sempre era transformado em torrada, num toque de mágica, por uma das "tias de rosa" ou "tias de branco", como ele chamava as auxiliares de enfermagem e enfermeiras quando não lembrava seus nomes.

Pedrinho gostava de brincar, de passear, de ambiente lúdico, e não perdia o horário da recreação. Sempre frequentava a sala de aula do 1º andar, onde aprendeu o alfabeto.

Após uma longa internação, Pedrinho teve alta e foi para a sua cidade, na casa dos seus familiares, mas logo precisou retornar, pois sua saúde estava debilitada. Chegou ao hospital contando que precisara usar oxigênio no avião, que a viagem fora ruim e que tivera muito medo de não poder respirar.

Logo no início da internação, fez o procedimento no centro cirúrgico ambulatorial e voltou a ficar internado com outra criança no quarto. Mas a sua angústia e aquela fome de ar já não passavam com as "tias" segurando sua mão. E, por causa desta falta de ar, teve que ficar em um quarto sozinho, sem a companhia de outra criança.

Como sempre, nada passava despercebido, e Pedrinho fez algumas exigências e pedidos. Pediu para sua tia, que o acompanhava, que fosse fotografado quando estivesse bem mal, para mostrar para sua mãe que lutara, fora um herói, usara todas as suas forças para respirar. Pediu um aquário com peixe para uma "tia de rosa", um brinquedo para outra e, para uma "tia de branco", um jeans novo para viajar.

Passaram-se alguns dias e, na véspera desta viagem, a noite foi muito longa para Pedrinho e as tias. Tão logo o dia amanheceu, estas passaram o plantão, venceram o sono e o fazer enfermagem continuou. Às 10h deste dia, estávamos lá no quarto, com os presentes. Entre a dor e a angústia que contagiaram os médicos e as "tias", Pedrinho parecia calmo e sereno para iniciar a sua viagem, que ficou registrada às 14h.

ERA UM DIA COMUM

Amanda de Souza Magalhães, enfermeira

Era um dia comum, uma terça-feira de junho, 16h34min, metade do plantão já tinha passado e era hora da sondagem de alívio da Joana. Ela internara na noite passada e, como de costume, era mais um dia de correria na unidade. Chegando no quarto 704 C me deparei com uma mulher muito bonita, cabelos negros, pele clara e um sorriso no rosto. Ela estava acompanhada de um rapaz de uma beleza inocente, alto e muito charmoso, ele se chamava Pedro, seu marido.

Entrei no quarto, me apresentei como enfermeira plantonista, dei boa tarde, fiz os questionamentos rotineiros de enfermagem e logo fui arrumando o material. Em uma unidade de internação clínica e cirúrgica é de costume termos esse tipo de procedimento e, em geral, sempre faço todo o serviço sozinha, tenho bastante prática, mas isso não impediu que o esposo de Joana viesse me auxiliar. De início falei para ele que não precisava se preocupar, mas mesmo assim ele prontamente começou a arredar os móveis, pegou o biombo (móvel que confere privacidade aos pacientes) e começou a me ajudar a desvesti-la.

Enquanto eu me organizava aproveitei para perguntar o que tinha trazido Joana ao hospital e há quanto tempo tinha perdido os movimentos das pernas e braços. Pedro e Joana me contaram que há dois anos lutavam contra uma doença neurodegenerativa chamada esclerose múltipla, doença que pode impedir o portador de realizar suas atividades normais do dia a dia, ainda pouco compreendida cientificamente. Pedro me contou que faz sondagens de alívio na mulher de quatro em quatro horas, a alimenta mais de três vezes por dia e faz a sua higiene pessoal há dois anos, desde que ela adoeceu. - Eu me demiti, precisei fazer isso, pois ela precisava de mim, quem iria cuidar dela daqui para frente? Queria enfrentar essa doença com ela, junto dela, naquele momento era o que eu deveria fazer - relatou Pedro.

Ao acomodá-la para iniciar a sondagem, ele já havia me prevenido quanto às contrações involuntárias das pernas de Joana e que eu precisava me cuidar, pois às vezes ela contraia as pernas tão fortemente que poderiam me machucar, ele pediu para eu esperar que as contrações passassem para então iniciar o procedimento. Respeitei a sua vontade e cada vez que eu falava mais com eles ficava mais admirada por aquele cuidado tão sincero, tão sem esperar nada em troca. Pedro conhecia cada detalhe do corpo de Joana, reconhecia suas expressões de dor, de fome, de tristeza, de felicidade. Ele dormia em uma poltrona pouco confortável no quarto de hospital, que dividia com mais duas

pacientes e seus familiares, só para não ficar longe dela. Eles se chamavam de amor o tempo todo, havia uma ternura, um carinho tão grande entre essas duas pessoas que era impossível não sorrir perto deles.

Pedro disse que houve um dia em que eles se separaram e que foi muito difícil para os dois. Logo pensei que haviam de fato se separado, rompido o relacionamento, talvez toda aquela situação de tristeza tivesse sido insuportável para os dois continuarem juntos, mas pelo contrário, não foi este o relato que escutei. Pedro contou que logo quando Joana adoeceu sua função respiratória decaiu e ela teve que ser internada na unidade de terapia intensiva, lá contraiu uma infecção resistente que a proibiu de receber visitas por sete dias. Eles se separaram por sete longos dias, foi exatamente assim que Pedro me descreveu a separação dos dois, sem poder se tocar, se vendo somente por uma pequena janela na porta. Joana e Pedro têm a mesma idade, 36 anos somente, muitos anos ainda para serem vividos e vividos juntos. Essa não é mais uma história boba de amor que parece sessão da tarde na televisão, é uma história real de amizade, perdão, confiança, compreensão, respeito e, principalmente, de cuidado.

CRÔNICA CRÔNICA

UMA QUESTÃO DE **SENSIBILIDADE**

Maria Buratto Souto, enfermeira

- Tia, estou com medo de não voltar para casa!

Foi assim falando que um menino de 11 anos tentava amenizar o seu sofrimento, certo dia em que estava sob meus cuidados. Portador de uma doença grave e de difícil cura, passou por várias hospitalizações, pois desde os cinco anos estava recebendo tratamento para leucemia linfóide aguda. De perfil ímpar, mostrava sua capacidade de lutar, o entusiasmo de viver e o amor a sua família pais e um irmão mais velho. Interessado em conhecer sobre sua doença, buscava informações na Internet, questionava os procedimentos, os resultados de exames, enfim, estava sempre atento a tudo e a todos.

Naquele dia, quando ouvi aquelas palavras, fiquei perplexa com a sua sensibilidade e, ao mesmo tempo, contente por ele ter tido a coragem de verbalizar este sentimento. Neste momento, revelava-se a criança que mais precisava de atenção e apoio. Sentada ao seu lado, continuei de mãos dadas com

ele e assim conversamos, dissipando o forte e expressivo temor que se apoderava de seu corpo e de sua alma.

O menino apresentou complicações inúmeras após este fato, que comprometerem órgãos e sistemas vitais, como respiratório, vascular e neurológico, levando-o ao óbito em pouco tempo. Penso que esta vivência promove a reflexão acerca do mundo e do pensamento das crianças e dos tantos segredos que podem ocultar, na medida em que não conseguem verbalizar o que sentem.

Paralelamente ao cuidado técnico, há o cuidado humano, centrando o ser humano em uma dimensão mais profunda e, para penetrar nessa dimensão do mundo do outro - o ser que é cuidado - , são necessárias muita paz interior e sensibilidade do cuidador. Quando se está diante de pacientes com prognósticos reservados, toda a equipe necessita estar fortalecida emocionalmente, para perceber e visualizar as necessidades dos pacientes, sejam eles pediátricos, adolescentes ou adultos.

Na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica são inúmeras as situações que a equipe de saúde vivencia perante as necessidades da criança criticamente enferma. Certo dia de trabalho, eu e uma colega pudemos conversar sobre nossos sentimentos em relação às crianças sob nossos cuidados, o que motivou uma associação com nossos filhos, por terem a mesma idade ou estarem na mesma etapa de desenvolvimento. Diante desta troca de ideias, fizemos um acordo que, para mim e para ela, creio que foi muito importante.

Na qualidade de mães e enfermeiras, nos defrontamos, por vezes, com maior sensibilidade perante algumas situações. Foi o que aconteceu nesse dia de plantão em que compartilhamos nossos sentimentos.

Na escala de pacientes sob os meus cuidados, havia uma adolescente que lembrava muito a minha filha. A criança enferma, portadora de um quadro clínico grave, apresentou piora, necessitando intervenção invasiva. Por sua vez, a a colega passava por uma situação similar: sob seus cuidados, uma lactente de nove meses fazia lembrar a sua filha com idade semelhante. Essa criança, com desequilíbrio hematológico, necessitava também de intervenção invasiva, quase no mesmo momento. Intervenções invasivas em terapia intensiva exigem a presença de enfermeiro. Então, eu e a colega fizemos um acordo de acertarmos a escala de forma a minimizar essa associação com nossos filhos e, assim, aliviar nosso sofrimento e garantir a atenção total às crianças. Eu passei, assim, a atender a lactente e ela, a cuidar da adolescente, e este gesto trouxe grande bemestar.

Por vezes, não importa o currículo, o berço de origem, o cargo que se ocupa. Todos somos seres humanos, com fortalezas e fragilidades.

Nesta situação, percebo uma maturidade profissional e interação estreita, tendo como benefício o apoio mútuo entre cuidadores. Certamente, situações assim se passam também com técnicos e médicos e acredito ser importante este exemplo de tomada de decisão para a prática do cuidado com o cuidador no cotidiano da terapia intensiva.



Foi numa manhã de janeiro e, como tantas outras manhãs, prepareime para receber os Joãos, as Marias, os Josés que chegam à unidade de saúde.

Ouvi alguém chamar baixinho: "Ana!". Olhei ao redor e vi uma mão acenando, um gesto rápido e sem graça. Percebi que a pessoa que me chamou estava constrangida, encabulada. Dirigi-me a ela e, também baixinho, perguntei "O que houve? Aconteceu alguma coisa, seu João?". E seu João me respondeu: "Preciso de um favor, o meu dinheiro do mês acabou e não tenho como comprar material de curativo, tu pode me arrumar algum?". Sorri, e disse: "Claro que sim, seu João, e não precisa ficar assim, envergonhado, no que puder vou ajudar". Juntei o material necessário e entreguei ao seu João, que num gesto agradecido tomou minhas mãos nas suas, enquanto proferia palavras de agradecimento.

Passados alguns dias, o seu João voltou à unidade. Novamente chamou baixinho, temeroso: "Ana!". Ao vê-lo, logo pensei: veio pedir mais material. Porém, quem desta vez ficou sem graça e constrangida fora eu, ao perceber que seu João retirara de dentro de uma sacola, que trouxera consigo, nada mais nada menos que uma pá de lixo! Sim, era uma pá de lixo (que ele mesmo havia confeccionado com sobras de folhas de alumínio e cano de metal).

Era um presente. Olhei para aquele objeto, tão rudimentar, tão singelo, e me senti pequena diante da grandiosidade daquele gesto.

Para nós que estamos ali, dia após dia, persistentes em nossos aventais brancos, rosas, verdes, azuis, não importa a cor, o que importa é a razão que nos motiva a olhar, cuidar, zelar, por todos os Joãos, Marias e Josés, que fazem com que tenhamos orgulho do que fazemos, ao demonstrar com simples gestos uma gratidão verdadeira.

A PRÓTESE

Martha Georgina Oliveira de Góes, enfermeira

 N_a vida de uma enfermeira acontecem muitas histórias. Já vivi as tristes, as curiosas e as engraçadas. Concentro-me nas últimas, porque acredito que rir ainda é o melhor remédio.

História I

A preocupação com a guarda dos pertences dos pacientes faz parte do dia a dia de todos na enfermagem e, muitas vezes, provoca alguns problemas, mas também rende histórias divertidas.

As enfermeiras são, por natureza, seres muito ocupados e estão sempre preocupadas em evitar confusões. Às vezes, no entanto, as coisas fogem do nosso controle. Em uma determinada época, fazia parte da rotina de preparo dos pacientes, antes do exame, a remoção da prótese e sua devolução ao final. Tínhamos até uma "latinha" para acondicionar as "benditas" próteses dentárias.

Um dia, ao receber o plantão logo após a realização de mais um exame, encaminhamos a paciente à sala de recuperação. Contudo, a prótese havia sido esquecida. Pedi para a técnica trazê-la, o que ela prontamente fez. Apanhou a prótese dentro da latinha e, na pressa de enxaguá-la, derrubou-a no tanque, partindo ao meio.

Com as duas partes da prótese na mão, resolveu pedir socorro.

- E agora, enfermeira?!

Veio a enfermeira para saber o que tinha acontecido.

- Olha só a prótese! - dizia a técnica, preocupada.

O jeito era consertar. Ligamos para o Serviço de Odontologia do hospital e perguntamos o que poderíamos fazer. A orientação veio em seguida: colar com cola rápida. Foi o que fizemos o mais rapidamente possível. Imaginem a cena: uma pessoa em roupas de área fechada, no meio do setor de manutenção, com uma prótese nas mãos, à procura de cola.

Neste meio tempo, a paciente pedia a prótese e nós nos fazíamos de desentendidas. A cada vez, uma pessoa diferente ia buscá-la e não voltava. Finalmente, chegou a prótese, colada, novinha em folha, nem parecia ter sido quebrada. Corremos para entregá-la à paciente e, casualmente, quem entregou fui eu. O jeito era contar a verdade.

- Aqui está a sua prótese. Demorou porque houve um acidente quando a lavamos, ela caiu e partiu-se, mas já colamos.

A paciente olhou-me com ar espantado e falou:

- Minha filha, que bom que consertaram, mas ela já estava quebrada!

História II

Um dia, ao término de um procedimento, encontramos uma prótese na sala. A lógica dizia que só podia ser do último paciente. Fui investigar de quem era e descobri que a paciente estava na sala de recuperação e, é claro, sem dentes. Tinha que ser dela. Muito cheia de razão, disse:

- Aqui está a sua prótese, foi esquecida na sala, mas eu trouxe para a senhora.
 - Mas, minha filha, não é a minha chapa! Respondeu a paciente.

E eu retruquei:

- Só pode ser sua, a senhora foi a última a fazer o exame.
- A paciente olhou-me, com um ar entre contrariado e divertido, dizendo:
 - Mas, minha filha, eu não uso chapa!

Observação: o dono da prótese foi localizado em seguida, era um homem que ainda não tinha dado por sua falta...

História III

Contrariando o ditado que diz "um raio não cai duas vezes no mesmo lugar", a colega Márcia Flores contou-me esta história ocorrida numa manhã. O paciente retornou para a sala de recuperação, após o exame, sem a prótese, enquanto na sala de exames, dentro da "latinha", estava uma sem dono.

A prótese abandonada, ao ser descoberta, foi levada para o paciente desdentado que fez o último exame. Neste momento, ele já estava comendo, com certa dificuldade, o lanche oferecido pelo familiar. Insistiram para que colocasse sua prótese, mas o paciente recusava-se. A cena foi assim:

- Coloque seus dentinhos, seu J. dizia a enfermeira, solícita.
- Não quero... respondia o paciente, sem muita convicção, já cedendo ante a insistência da enfermeira. Colocada a prótese, para nossa surpresa, a mesma não se adaptou como o esperado. Nesse momento, o familiar, que assistia a cena calado, falou:
 - Ele não está acostumado a comer com a chapa, pois nunca usou uma!

Absolutamente sem ter o que fazer e com muita vontade de rir, a solícita e insistente enfermeira saiu e foi procurar o verdadeiro dono da prótese que, casualmente, era o paciente do box ao lado e que ainda não tinha dado pela falta dos dentes.



UMA LUZ PELOS CORREDORES DO HOSPITAL Pâmela Leites de Souza, enfermeira

Ela anda cabisbaixa pelos corredores do hospital com pouca luz, de jaleco com seu título bordado, ela é a enfermeira do andar. Pouca luz porque é noite, pouca luz porque não lhe sobrou muito mais do que isso após 12 horas incessantes de plantão. Ela pensa que mais uma vez fez a sua parte, equilibrou da melhor forma possível o desequilíbrio universal entre a necessidade e a capacidade do nosso Sistema Único de Saúde. Ela sabe que faz parte de algo grande e louvável, no seu íntimo ela sabe que apesar de tudo, tudo vale a pena.

Passam por ela alguns colegas alheios à importância que ela sabe que tem. Sabe mesmo? Ela finge que sabe, afinal é o que a faz seguir firme na sua escolha, na sua vocação, na sua paixão. Mas, ainda resta paixão?

Chega ao posto de enfermagem e se debruça na papelada, na burocracia, em tudo aquilo necessário, mas que estafa, entedia e lhe tira tempo junto a sua essência de ser: o cuidado dos seus pacientes. Arruma alguns materiais, mais uma vez se dá conta do quanto lhes faltam recursos, mas elas vão conseguir dar conta com o que se tem, ou com o que não se tem, ou simplesmente não darão conta. E quem paga esse preço?

Muito cansada pra refletir mais a respeito.

Resolve visitar alguns de seus mais de 30 leitos divididos nos dois andares pelos quais é responsável. Percebe que não conseguiu conhecer os dois pacientes novos que deram entrada naquela manhã. Estão dormindo, amanhã eles serão as suas prioridades.

Alguém lhe para e dá uma "ordem" atravessada acompanhada de uma crítica destrutiva de quem não tem nem ideia do que se passou naquele plantão. Sim, erraram o horário da administração da medicação, mas não houve grande prejuízo por sorte. Ou por intervenção divina. Ela sabe que isto não poderia ter ocorrido, mas ela também sabe que a técnica de enfermagem em questão estava há 26 horas sem dormir por conta do outro emprego. Não há opção, tem uma família a sustentar e um salário não digno de seu esforço. Erros acontecem. A culpa é dela? Da enfermeira que não estava atenta e onipresente? Ou do sistema? Ou do não comprometimento com este sistema?

Muito tarde para também refletir a respeito.

Segue cabisbaixa pelo corredor.

Agora naquele momento fatídico que se pensa: ainda há paixão?

Aquela universitária cheia de amor e utopia do quanto poderia fazer a

diferença neste mundo injusto, ainda existe?

Uma luz acesa no quarto. Entra.

- Mas o que a senhora está fazendo acordada, dona Lourdes? Já está tão tarde, o remédio não lhe ajudou a pegar no sono outra vez?
- Para que dormir? Os dias e as noites pra mim são iguais. Senta, minha filha, parece tão cansada.
 - E estou, dona Lourdes, nem tive tempo de vir lhe ver hoje.

Dona Lourdes está internada há meses, ela nem lembra mais o porquê. Nunca recebe ninguém, viúva e sem familiares. Era estéril, mesmo com muita insistência e anos na fila da adoção o sonho de ter filhos não se concretizou. Com seus 87 anos não lhe restaram parentes vivos. Não que ela saiba. Viveu imersa em seu casamento sem frutos, mas com todo o amor do mundo que pôde compartilhar com aquele homem que passou a vida inteira ao seu lado. Dona Lourdes coloca seus óculos e, após encarar por um tempo a enfermeira, lhe diz:

- Eu admiro muito você e as meninas daqui. Estão sempre correndo de um lado para o outro, com o corpo cansado, a gente percebe de longe, mas o olhar carinhoso ainda nos consola no meio da dor. Lembra o plantão de Natal que fizemos a ceia aqui? Vocês queriam estar em casa, mas não se mostravam bravas por estar aqui. Exceto a Maria, é claro! Não entendo o que ela faz sendo enfermeira.

Dona Lourdes solta uma gargalhada sem sua dentadura. A enfermeira lhe acompanha no riso. Ela também não sabe por que Maria resolveu lidar com gente, ela realmente não leva jeito.

- Ah, dona Lourdes, cada um dá e transmite o que tem, não é mesmo?
- Aí eu vou ter que discordar de você, minha filha. Acho que a maioria de vocês daqui oferecem muito mais do que têm. Ou pelo menos muito mais do que vocês acham que têm. Você tem um tempo para uma história curta desta velha amiga?
- Claro! afinal, a enfermeira sempre entendeu que ouvir e dialogar com os pacientes eram tão ou mais terapêutico do que a prescrição médica e de Enfermagem em si.
- Pois bem, faz horas que espero a oportunidade de lhe contar esta história: "Na última vez em que meu falecido marido ficou internado antes de morrer, o médico foi muito gentil e com toda a cautela me explicou que não havia mais nada o que se fazer no seu caso. Ele iria morrer em breve e, infelizmente, naquela cama de hospital. Chorei muito e a enfermeira do plantão veio me acalmar. Expliquei-lhe que minha dor era por não haver mais nada o que pudéssemos fazer, e que eu não teria coragem de encarar meu marido e explicar

aquilo para ele. Então ela me disse:

- Deixa então que eu explico para ele, vamos lá.

Não entendi muito bem, mas lhe acompanhei mesmo assim, assustada da reação que viria pela frente e como iria consolá-lo. Ela entrou então entusiasmada no quarto e disse com um largo sorriso:

- Seu João, tenho uma boa e uma má noticia para o senhor. Qual o senhor quer primeiro?
 - A má, lógico! Para depois você tentar me alegrar com a boa.
- Pois bem, a má é que, infelizmente, o senhor não poderá ir embora este fim de semana como gostaria, e, pelo que o médico disse, não vai ser logo, vai demorar bastante.

Meu marido desolado respondeu:

- Poxa vida, menina, o que há de bom nessa notícia terrível?
- A boa é que o senhor tem uma companhia maravilhosa pra esses dias passarem mais rápido: a sua esposa e eu, é claro, que o senhor pode ter certeza que vou lhe cuidar muito bem. Podemos inclusive negociar com a portaria e o médico para providenciarmos algumas coisas das quais o senhor gosta, como aquela comidinha caseira de vez em quando, mudar o horário do seu banho, que eu sei que o senhor prefere dormir um pouco mais. O que o senhor acha?
- Acho que o que não tem remédio, remediado está, não é? O que me resta é aproveitar os mimos das duas mulheres da minha vida agora então.

Todos nós rimos e eu ganhei um pouquinho de gás pra aguentar aqueles dias dolorosos. Ele faleceu em algumas semanas, comigo percebendo que havia, sim, muito a ser feito."

Nesse momento, a enfermeira estava com os olhos cheios de lágrimas. Dona Lourdes continuou:

- Você não se lembrava disto, não é, minha filha? Mas eu lembro. Estava esperando a hora certa de lhe rememorar. Você era jovem e cheia de luz. A luz está aí ainda, eu sinto, mas ela está se apagando.

A enfermeira sentiu-se desnuda e frágil diante daquela que seria a sua paciente, quem costumeiramente deveria estar frágil e desnuda diante de si. Desabafou de fato:

- Eu sei, é que tem sido tão difícil! Às vezes eu penso que não há muito mais o que se fazer realmente, a não ser repetir as mesmas tarefas e cumprir o que me é exigido sem pensar a respeito.

Dona Lourdes lhe fez uma cara de avó que repreende o neto com ternura:

- Eu entendo, mas não aceito! Sou meio teimosa desde que uma

menina, há uns anos, me ensinou que não importa o prognóstico, sempre haverá algo a mais que se possa fazer. Mesmo quando tudo parece perdido e na escuridão.

A enfermeira lhe deu um abraço fraterno e agradeceu emocionada a conversa. Deixou o quarto, se recompôs, limpou o rosto e desta vez ergueu a cabeça. Seguiu sua jornada pelos corredores do hospital, mas agora ela tinha uma luz em torno de si, que lhe iluminava mais uma vez os passos, os corredores, os ombros, a alma.

CRÔNICA HISTÓRIAS DE

HISTÓRIAS DE INTERNAÇÃO HOSPITALAR Rejane Maria Balzan, enfermeira

Ao iniciar o plantão noturno, chega até a Unidade de Internação Clínica um paciente proveniente de uma cidade da Serra gaúcha, tipicamente italiana, regulada pela Central de Leitos, acompanhado de sua esposa, uma humilde senhora idosa. Paciente interna para posterior cirurgia ortopédica.

Como de rotina, a enfermeira realiza a visita à beira do leito, a fim de saber o histórico do paciente, bem como realizar a anamnese e exame físico.

Após sua apresentação, dá início à conversa, percebendo que o paciente tem diminuição da acuidade auditiva bilateral, e continua a conversa com a esposa, acompanhante do paciente naquele momento.

A enfermeira então pergunta para a acompanhante:

- A senhora sabe o que ele tem?

Ela prontamente responde:

- Ele só tem dois terreninhos ali em Ana Rech e um Monza 88 inteirinho.



ENFERMAGEM, ESSE É MEU COTIDIANO!

Karen Elisa Loro Wagner, técnica de Enfermagem

Trabalhar na enfermagem é uma dedicação de vida, digamos que você deixa de fazer muitas coisas, perde algumas outras, passa maior parte do seu dia cuidando literalmente da vida dos outros, no sentido bom, é claro!

Sou formada há quatro anos em técnico em enfermagem e, às vezes, quando as pessoas falam: "Esse final de semana tem feriadão. E aí, vamos viajar?". Eu respondo: "Não posso, vou trabalhar!". As pessoas dizem: "Nossa, mas isso é trabalho escravo!".

Eu sutilmente respondo: "É feriado, mas as pessoas não se curam no feriado e vão embora do hospital e depois do feriado retornam para seguir o tratamento!". E outra, trabalho escravo seria se eu fosse obrigada a fazer plantão, mas não. Eu faço porque quero, porque gosto do que faço e não me importo de trabalhar no feriado, desde que eu possa folgar em outros dias.

Nesse tempo de enfermagem já ouvi muita gente falar: "Nossa, por que você escolheu essa profissão, menina, tão sacrificante e sem retorno?". Então já te digo, se tu visas lucros altos, nem te apresenta na enfermagem, agora se tu visas ser feliz em uma profissão que te gratifica a alma, então vem que aqui tem.

Se as pessoas soubessem o quão fascinante é, em meio a toda turbulência que é trabalhar em um hospital, tu saíres de um plantão que foi o mais corrido da semana e um paciente te dizer "Boa noite, menina, obrigada por tudo que você fez por mim hoje!". Só vivendo pra saber. Ver aquele paciente que chegou pra tu cuidares, tão debilitado, sem força, com medicação de hora em hora, em bomba de infusão, com sonda nasoentérica, usando fraldas e precisando de ti até pra fazer algo tão simples como tomar um copo d'água... É incrível o poder que exercemos sobre o outro, não só de cuidar da patologia em si, do quadro clínico do paciente, mas também do poder que temos ao demonstrar um sorriso, ao dizer "Boa tarde, como você se sente hoje?".

Nós não somos máquinas designadas a fazer procedimentos, fazer curativos, trocar uma fralda, aferir sinais vitais, se bem que em alguns dias só conseguimos fazer isso mesmo. Mas temos como missão, também, o cuidado humanizado, o olhar o paciente como um todo, como um ser humano que precisa de ajuda, que precisa da minha ajuda.

Aprendi muitas coisas nessa estrada, aprendi a ter paciência, aprendi a controlar minhas emoções frente a situações que não podemos nos envolver, por termos uma hierarquia a respeitar, aprendi que, para alguns, pacientes são

clientes e, para outros, pacientes são seres humanos de carne e osso e, se hoje eu estou aqui, amanhã eu posso estar ali no lugar daquele paciente. Então eu sou a enfermeira que eu gostaria que cuidasse de mim se eu estivesse precisando.

Enfermagem é isso aí mesmo: é correr, é trabalhar duro, é aprender cada dia algo novo, é saber lidar com o próximo, é colocar-se frente as tuas indignações da vida e cuidar da vida alheia, é saber ouvir sem falar, olhar sem se expressar, apenas observar, evoluir, checar, bipar, curar, medicar, salinizar, heparinizar, medir, verificar, avaliar, enfim... é ser da ENFERMAGEM.

CRÔNICA

AS MARIANAS

Karine Elisa Schwarzer Schmidt, acadêmica de Enfermagem

Era o segundo dia de estágio em uma CTI pediátrica. No primeiro, uma passagem mais breve pelo ambiente, depois de recebermos as instruções gerais que iriam direcionar as condutas daquele período acadêmico que se iniciava. Um bom cafezinho nos foi permitido no momento do lanche, acompanhado de muita conversa, afinal de contas, estávamos iniciando o último semestre da faculdade, após o longo descanso das férias. Então, em poucos minutos, já havia voltado à correria de sempre, e ao encanto, também. Após a interação de parte de toda aquela rotina da unidade, fomos conhecer os nossos pacientezinhos, aqueles a quem poderíamos, ao menos naqueles dias, oferecer um mínimo de cuidado. A docente nos mostrava a folha de registros da equipe, com as anotações que seriam pertinentes na passagem de plantão (tarefa que, em breve, iríamos assumir). E chegamos ao caso do paciente do leito 20. Já ouvíamos falar dele há mais tempo. Outras colegas que passaram pelo estágio nos tinham comentado. Uma outra que trabalhou na unidade havia dado alguns detalhes do caso. Todos mantinham um carinho especial por ele, já que estava ali há tanto tempo... "O Matheus, um caso crônico, considerado um morador aqui do hospital. Está aqui desde 2010, teve alguns problemas respiratórios logo após o nascimento. A causa era cardíaca. Antigamente, ele até conseguia ir para os corredores, caminhar um pouco, hoje já não pode mais. Tornou-se totalmente dependente de respiradores; o caminhar já é um fardo muito pesado. Fica o tempo todo ali no seu box, está aguardando o transplante

de coração", nos disse a orientadora. "Falaram que nesse final de semana ele teve uma crise, quebrou o respirador, puxou tudo pra baixo, não parava de arrancar o tubo." Em seguida, estava ele de novo ali, os sensores apitando e, mais uma vez, o tubo estava no leito; os seus olhinhos nos perseguiam através daquela porta... No final daquela manhã, o mesmo ato se repetiu por mais cinco vezes - das que atendemos.

"Ele não consegue falar, mas ele se comunica, vocês vão ver! A gente entende tudo o que ele quer", a orientadora nos dizia. Não demorou muito e Matheus levava as suas mãozinhas à boca, em um gesto repetitivo, e apontava para fora. "Está com fome?", perguntávamos. Quando olhamos para o lado, não vimos nada. Até que saiu por detrás do balcão uma técnica de enfermagem, carregando consigo o almoço do pequeno menino que nos gesticulava. Estava ali a resposta. Atendido o pedido! Mas afinal, onde estava a família dele, que ainda não tínhamos visto, nem no primeiro dia, muito menos agora? Por que razão ele passava tanto tempo sozinho, sem ninguém ao lado? O que faziam esses parentes, que não estavam ali? E, olhando para ele, em meio a tantos questionamentos precipitados e preconceituosos, imaginei-me com um filho naquele estado. Em parte, pude compreender o sentimento de impotência daqueles que possuem um filho, mas não o podem ter em casa. O quarto, o berço, os brinquedos, e tudo o mais que lá o aguardava após a saída da maternidade, lá ficou. Ele nunca chegou. Ele nunca chegou... E chegar até ele, naquele ambiente cheio de aparelhos esquisitos, que apitam a toda hora, aquelas constantes pessoas em volta da criança o tempo todo, sim, são inúmeros: os profissionais de enfermagem, de fisioterapia, da fonoaudiologia, de nutrição, da medicina, do serviço social, da psicologia, da governança, os acadêmicos, os residentes, e quantos mais fossem necessários - ufa! Não era tarefa fácil! Com certeza, não...

"A relação dele com a família é de 'amor e ódio'. Às vezes a mãe vem aqui e ele bate na mãe, não aceita ela... Mas ao mesmo tempo, ele chama. Nesse final de semana, ele só se acalmava quando a equipe dizia que a mamãe estava a caminho, que ela estava vindo. Mas ela não veio, né, gurias, ninguém sabe por que ainda. E também nós precisamos entender essa família, imagina, tanto tempo de internação, a gente nem consegue imaginar o que é isso." A equipe havia entrado em contato com a mãe e o pai, mas eles não apareceram... Fez-se de tudo o que se podia pra acalmar aquela criança, que precisava de carinho, de atenção, de cuidado. Os motivos da ausência não nos cabem saber. Este não é nosso papel. O julgamento não nos compete, a absolvição ou a condenação são taxativas demais. Também não estaríamos aptos a tal incumbência. No máximo, nos era lícita a busca pela compreensão da

complexidade daquele fenômeno da vida humana, no qual estávamos todos submergidos. "Agora ele está na fase de aprender as cores, o alfabeto, mas não tem quem ensine, por enquanto", nos falava a docente. "A gente tenta fazer de tudo o que pode, meninas, mas pra equipe também é um sofrimento. Cada um, quando tem um tempinho, vai ali, fica com ele, tenta conversar... Mas ele acaba sendo agressivo com quem não conhece, esses dias arranhou uma técnica que foi ali com ele."

A manhã seguiu e, no final do turno, teríamos um round multidisciplinar para participar. Os funcionários se aglomeravam em uma pequena sala da unidade, cada um tentando encontrar uma cadeira e um espaço para aquele momento de discussão e troca, na busca de diversos olhares para os mesmos pacientes, em que os esforços são somados objetivando a melhor terapêutica, ou então, quando esta já não é mais possível, a excelência do cuidado. Todos iam adentrando, quando enfim alguém pergunta: "onde está a Mariana?". Era a enfermeira que acompanhava o nosso famoso pacientezinho. Saí para chamá-la. Disseram-me que ela estava no box do Matheus. "Poxa vida, deve ter acontecido mais alguma coisa", pensei. E estava acontecendo. Não exatamente o que eu esperava. Não havia respiradores quebrados ou jogados ao chão. Não havia crise de ansiedade, nem choro. A cena que pude contemplar fez-me entender o motivo tão justificável do "atraso". Lá estava ela, trajando rigorosamente todo o equipamento de proteção - apenas os seus olhos podiam ser vistos por além da máscara - com o Matheus no colo. Ela fitou-me e disse: "eu já estou indo". E não era necessária mais nenhuma palavra. Ela exercia em pleno a sua profissão, o seu chamado, em um momento de singular delicadeza. Daquelas cenas que fazem parar todo o resto, em que o valor das coisas parece recobrar a sanidade às nossas mentes sempre tão atarefadas e inquietas. Aquele menino, naquele instante, possuía o alento de braços que o afagavam. Naquele tempo, em meio aos inúmeros procedimentos técnicos necessários, à papelada operacional e sistêmica, existiu alguém que, para ele, naqueles minutos, era o seu amiguinho, a sua família, seu porto seguro, seu alento, seu mundo. Mariana, com o seu gesto, faz-nos fomentar a credibilidade dos laços de afeto, da singeleza da percepção do outro em suas necessidades. Aquela criança, em pleno período de desenvolvimento, teve o seu chamado atendido. Ele ainda aguarda pelo transplante cardíaco, e sua rotina de morador da CTI pediátrica continua. Mas, naquela manhã, ele recebeu aquele coração que o envolvia com tanto zelo. Percebi que, na realidade, o Matheus tem recebido vários corações no decorrer destes seis anos. Todos sofrem, riem, emocionam-se e aprendem com ele. Agora eu havia entendido o mistério que envolvia aquele menino, e o motivo de ser tão

comentado por aqueles que puderam passar por ali. E pensar que serão estas Marianas que estarão nas lembranças do pequeno Matheus, o nosso pacientezinho, daqui a alguns anos, quando ele se recordar dos seus primeiros seis anos de vida, dentro do box 20 na CTI do hospital...



BAILE DE **CARNAVAL**

Celia Mariana de Souza Martins, enfermeira

 $Faltando \ uma \ semana \ para \ o \ Carnaval, \ o \ número \ de \ pacientes \ já estava diminuindo e o movimento era outro — fato sentido pelos pacientes que ficariam internados em minha unidade. Eram 14 transplantados, 12 mulheres e dois homens. Ao passar o plantão, a enfermeira da noite salientou que tais pacientes estariam tristonhos e dormiriam pouco, pois não gostariam de passar o Carnaval no hospital.$

Pela manhã, ao fazer o acompanhamento desse pacientes, constatei que havia tristeza no ar. Para animá-los, disse que faríamos um "baile de Carnaval" e que todos ficaríamos bem. Pouco depois, para minha surpresa, procurou-me o esposo de uma paciente que morava na Grande Porto Alegre e tinha familiares em Santa Catarina, querendo saber qual a data e horário do "baile", pois suas filhas e irmãs viriam para dar apoio e participar do evento. O que me surpreendeu foi o tom de seriedade que esse senhor deu ao acontecimento. Então, expliquei que, quando falara em fazer um "baile de Carnaval", não tinha sido no sentido real da expressão.

Conversei com os outros pacientes para saber se todos tinham levado a questão tão a sério e, para meu alívio, descobri que não. Porém, comecei a pensar como poderia fazer alguma coisa para animar a todos e que realmente lembrasse um baile de Carnaval. Discuti o assunto com o pessoal do serviço de recreação, que estava acostumado a fazer esse tipo de atividade, e consegui seu apoio. Então, retornei ao esposo da paciente, dizendo-lhe que o "baile" seria no sábado de Carnaval, às 16h. Passei a ideia para a enfermagem, equipe médica e pacientes, já chamando o acontecimento de "baile dos transplantados".

Com o auxílio da recreação, os pacientes passaram a confeccionar seus trajes ou fantasias. Isto gerou um novo movimento e a semana passou rapida-

mente, como eles mesmos disseram. Além disso, ocorreu uma integração entre os internos, que acabaram se conhecendo melhor e compartilhando suas experiências. Decidimos, então, que escolheríamos uma rainha, princesas, brotos e soberanos. Todos ajudaram a fazer as faixas.

Chegando o grande dia, montamos o cenário, com mesa, balões, pipocas sem gordura, refrigerante diet, balas e uma flor para cada paciente. Após a enfermagem ter administrado a medicação das 16h, chamamos todos os pacientes e seus familiares, a supervisora de enfermagem e a estagiária da recreação. Colocamos música de Carnaval e homenageamos todos os pacientes com as faixas que eles mesmos haviam confeccionado.

Nunca vou esquecer desta experiência, por três razões. Primeiro, pela responsabilidade que devemos ter com aquilo que fazemos e dizemos às pessoas. Segundo, pela força da mensagem de alegria que uniu pacientes, familiares e equipe. E, finalmente, pela animação do grupo, ao preparar e participar daquele inesquecível baile.

16 POESIA

ENFERMAGEM QUE **CURA**

Priscila Roballo Martins, técnica de Enfermagem e acadêmica de Enfermagem

Entre agulhas e seringas,
Lá se vão as histórias mais lindas;
Dor que dói por dentro,
a enfermeira tem o acalento;
Dor que dói por fora,
a seringa entra na hora;
Isso tudo é tão estranho!
Mas dor tem tamanho?
A enfermeira sabe a resposta;
Realiza com dedicação cada dose de medicação,
Enquanto conversa e ao mesmo tempo aplica,
o paciente cada vez mais calmo fica,
fazendo dessa ação tão pura,
a mão abençoada que cura.

POESIA

ESTREITO É O CAMINHO

Juliana Oliveira Lourenço, enfermeira

O caminho é estreito, os corredores do hospital são longos

As horas de trabalho avultam-se e, com elas, denso torna-se o caminhar

É preciso coragem para enfrentar os inúmeros desafios

Disposição para ouvir com o coração

Paixão para cuidar das dores do mundo

Seriedade para entender as necessidades de um olhar

São dias difíceis

Mas são dias de vitória

Sim, nossa busca diária nunca se esgota.

18 POESIA

CIRANDA

Maira Isis dos Santos Stangler, enfermeira

Enfermagem é uma ciência; mas mais parece uma dádiva ou uma grande crença.

Ela tem na sua essência o cuidado; mas quem cuida se desleixa.

Faz o bem sem olhar a quem; mas os convênios esquecem essa parte.

É plena na assistência, se preocupa com os mínimos detalhes; é fragmentada no atendimento, doloroso para quem lhe busca.

A enfermagem é totalidade, intuitiva e segura; o paciente é inseguro, amedrontado e solitário.

Nem sempre temos a vitória; nem sempre o paciente é agraciado. Mas temos sempre a sensação de dever cumprido; fazer o melhor; esperar o melhor e gratificar-se com o sorriso.

Saber que a missão foi cumprida; paciente satisfeito; serenidade; cumplicidade... Eternizar o que não é eterno; valorizar o que é simples; comemorar sempre, nem que seja o mínimo.

A vida mostra o que tem mais valia e a enfermagem prova que quem cuida, guia!



NEM O TEMPO MUDA AS ESCOLHAS

Priscila Roballo Martins, técnica de Enfermagem e acadêmica de Enfermagem

Olhos pequenos, sorriso sulcado;
passos curtos, cabelos esbranquiçados;
O que restam agora são apenas histórias,
estas bem guardadas na memória.
Mas quem um dia diria que aquela senhora, enfermeira seria!
A caminho da poltrona, com sua marcha lenta e comprometida,
ela vai relatando sua vida;
Olhos brilhantes estampam o orgulho da profissão,
lembra dos momentos com muita emoção,
detalha cada vida que salvou e até aquelas que a enfermidade levou;
Por alguns segundos se cala, as lágrimas atrapalham a fala;
rosto completamente irrigado, voz rouca e coração apertado,
ela aperta a minha mão e afirma, se minha vida voltasse um dia,
não existe outra profissão que escolheria.

José Eduardo Lopes Farias, enfermeiro

Quando chego, presto atenção ao colega que vem me informar. A situação de cada paciente ou alguma alta pra liberar. Algum demanda mais cuidados? Pra eles vou me organizar.

Preciso ver os sinais, preparar a medicação. Curativos têm uns quantos; perdeu acesso é nova punção. Por mais atarefado que esteja, caso ocorra intercorrência, com vida nunca se brinca, a prioridade é sempre a urgência.

Faz a higiene; troca fralda. Tem paciente que é agitado. Se tiver risco de queda, o cuidado redobrado. É fundamental não esquecer; já em seguida ao anoitecer, mudar o decúbito do acamado.

Já mais tarde, quando lá fora o orvalho tange a fria calçada, é hora de escrever, no relatório não pode faltar nada. Se trocar o soro, põe o rótulo. A hora vai numerada. Caneta preta pra checagem, porém a vermelha é mais usada.

A madrugada vai cruzando mansa, a equipe junto se acalma. O corredor abriga uma penumbra e um silêncio que paira na alma. O cansaço faz parte do ofício, mas os olhos não podem fechar Viro as madrugadas em claro, para muitos poder cuidar.

Antes mesmo do amanhecer, uma passada nos quartos e prontuário para revisão. Deixando tudo organizado, pra poder passar o plantão Que mundo lindo que vivo, amo minha profissão. Enfermagem é tudo que sinto, meu sintoma de amor e paixão.

GESTÃO **2015-2017**

PRESIDENTE:

Enfº Daniel Menezes de Souza

SECRETÁRIO:

Enfº Willi Wetzel Junior

TESOUREIRO:

Enfº Ricardo Arend Haesbaert

Conselheiros(as) Efetivos(as):

Enfº Daniel Menezes de Souza

Enfª Margarita Ana Rubin Unicovsky

Enfº Ricardo Arend Haesbaert

Enfº Willi Wetzel Junior

TE Abelardo Gomes

TE Fabrício dos Santos

AE Luci Teresinha Machado

Malickovski

Conselheiros(as) Suplentes:

Enfª Ana Cristina de Araújo Vianna

Enfº Estêvão Finger da Costa

Enfª Maurelize da Silva

Enfª Nelci Dias da Silva

TE Carmen Roseli Ben Savaris

AE Claudionir Ramos da Costa

TE Luis Fernando Frangulles Martins

EXPEDIENTE

Projeto gráfico e diagramação: Vanessa Lagemann Drehmer

Revisão: Joanna de Oliveira Ferraz

Organizadores: Daniel Menezes de Souza, Denise Campão, Estêvão Finger da Costa,

Laura Maria Glüer, Nelci Dias e Ricardo Arend Haesbaert

Tiragem: 5.000 exemplares • **Impressão:** Gráfica e Editora Líder • **Distribuição gratuita.**



Conselho Regional de Enfermagem do Rio Grande do Sul

DEMOCRACIA, ÉTICA E TRANSPARÊNCIA